

## DIFERENTES TIPOS DE SUJEITOS NULOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Different types of null subjects in Brazilian Portuguese*

**Janayna Carvalho<sup>1</sup>**

janaynacarvalho@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo trata das características de impessoais nulas do português brasileiro, isto é, sentenças impessoais que envolvem um participante não-específico nulo no evento. A discussão mostra que esses elementos nulos são indefinidos heimianos: expressões que não têm força quantificacional e dependem de operadores. Isso permite diferenciar esses elementos de sujeitos nulos referenciais de 3ª pessoa, além de apresentar uma evidência independente para uma análise particular de sujeitos nulos referenciais de 3ª pessoa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Impessoais Nulas; Sujeitos Nulos de 3ª pessoa; Português brasileiro.

**ABSTRACT:** This article discusses the characteristics of null impersonals in Brazilian Portuguese, i.e. impersonal sentences in which a non-specific event participant is null. The discussion shows that these null elements are heimian indefinites, that is, expressions that do not have quantificational force on their own and rely on operators. This allows us to set apart the elements under study from 3<sup>rd</sup> person referential null subjects, in addition to presenting independent evidence for a particular analysis for 3<sup>rd</sup> person referential null subjects.

**KEYWORDS:** Null impersonals; 3<sup>rd</sup> person null subjects; Brazilian Portuguese

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo; Professora adjunta na Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa reportada aqui foi feita durante o meu estágio de pós-doutoramento no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo de junho de 2016 a fevereiro de 2018, primeiramente com apoio do CNPq 152029/2016-8 e, posteriormente, com bolsa da FAPESP (Proc: 2016/02239-9). Além das agências de pesquisa, sou grata ao meu supervisor de pós-doutorado, Jairo Nunes, pelas discussões durante o andamento da pesquisa, e aos pareceristas anônimos avaliaram este trabalho. Todos os erros restantes são de minha responsabilidade.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva descrever e explicar um conjunto de construções impessoais do português brasileiro, retratadas em (1) e (2), abaixo, às quais chamarei de impessoais nulas por terem nulo o argumento que designa participantes não-específicos.

(1) Aqui vende bala.

(2) Funciona assim: não comeu toda a comida, fica de castigo.

Construções como essas têm sido alvo de bastante debate na literatura por uma série de razões. A principal delas é, como vimos, que o sujeito nulo não-referencial em (1) e (2) é nulo. Levando em conta a abundante literatura sobre a perda de sujeito nulo em português brasileiro (PB) e, mais especificamente, as restrições para a ocorrência de sujeito nulo de 3ª pessoa referencial no PB, essas construções mostram um contraste interessante entre a ocorrência de sujeitos nulos referenciais e não-referenciais (impessoais) no PB.<sup>2</sup>

Já se notou que o sujeito nulo de 3ª pessoa referencial do PB é sempre anafórico, como os dados em (3) e (4) exemplificam. (Moreira da Silva, 1983; Figueiredo-Silva, 1996, 2000; Modesto, 2000; Ferreira 2000, entre outros).

(3) O João disse que mandou um presente.

(4) \*Mandou um presente.<sup>3</sup>

Em (3), o sujeito nulo da encaixada é correferencial com o sujeito da matriz, ‘o João’. (4) exemplifica que o sujeito nulo referencial não recebe interpretação se estiver em uma sentença matriz. Como já muito discutido na literatura, fatos como

---

<sup>2</sup> Neste texto, salvo quando expresso o contrário, a denominação ‘sujeito nulo não-referencial’ é para sujeitos de sentenças impessoais aqui estudadas. Outras denominações correntes na literatura para sujeitos nulos da mesma natureza, como sujeito existencial, genérico, indefinido, arbitrário, fazem recortes semânticos específicos que serão discutidos, se necessário, à medida que a análise for apresentada. Para me referir aos sujeitos em estudo de uma forma ampla, sem discutir tais recortes semânticos, usarei ‘sujeito nulo não-referencial’.

<sup>3</sup> Um parecerista anônimo comenta que a presença de antecedente é também necessária em (4) em uma língua como o português europeu (PE), embora a literatura citada não comente sobre isso. Aparentemente, a diferença entre o PE e o PB nesse sentido seja o fato de a sentença em (4) ser agramatical em PB mesmo que haja um antecedente no discurso em uma outra oração independente. Em PE, a oração em (4) é possível, no entanto, se uma oração matriz, enunciada anteriormente, estiver presente no discurso.

esse mostram que o sujeito nulo de 3ª pessoa referencial do PB só é interpretado na presença de um antecedente.<sup>4</sup>

Essa distribuição do sujeito nulo referencial contrasta com os dados que vimos em (1) e (2) de duas formas. Em primeiro lugar, o sujeito nulo não-referencial pode aparecer em sentenças matrizes, como o exemplo (1), repetido abaixo como (5), mostra. Em segundo lugar, o sujeito nulo não-referencial pode aparecer em mais de uma oração, como o exemplo (2), repetido abaixo como (6), mostra. Mais importante, o exemplo (6) mostra que o sujeito nulo não-referencial não necessita de um antecedente expresso.<sup>5</sup>

(5) Aqui vende bala. (=1)

(6) Funciona assim: não comeu toda a comida, fica de castigo. (=2)

Embora esses dados possam levar a pensar que pronomes nulos referenciais e não-referenciais são bastante diferentes, as abordagens na literatura tendem a ver sujeitos nulos referenciais e não-referenciais como expoentes de uma só classe cuja leitura pode ser derivada em virtude da posição em que se encontram. Observemos os dados em (7) e (8) que exemplificam essa tendência de análise.

(7) O João disse que aqui vende bala.

(8) O João disse que vende bala aqui.

No dado em (7), o sujeito nulo da sentença encaixada tem uma interpretação não-referencial, que pode ser parafraseada como ‘O João disse que pessoas desconhecidas vendem bala aqui.’. O sujeito nulo da sentença em (8) evoca a interpretação de que o João é o vendedor de bala. Portanto, (8), ao contrário de (7), evoca uma interpretação correferencial do sujeito nulo. Repare que essas sentenças são basicamente iguais e só possuem uma diferença em relação à posição do advérbio

---

<sup>4</sup> O julgamento em (4) se refere a uma sentença sem contexto. Sujeitos nulos do PB podem ser recuperados por tópicos, como no contexto abaixo.

(i) A: E o João?

B: Mandou um presente.

<sup>5</sup> Eu estou ciente de que não há um paralelo idêntico entre o exemplo (3), em que o sujeito nulo referencial está em uma oração encaixada selecionada pelo verbo da matriz, e o exemplo em (6), em que os sujeitos nulos se encontram em uma oração subordinada (‘não comeu toda a comida’) não selecionada pelo verbo da matriz. O paralelismo somente parcial entre as estruturas possivelmente está correlacionado com as características de pronomes nas sentenças impessoais.

locativo ‘aqui’. Em (7), esse locativo está anteposto ao predicado ‘vende bala’, enquanto em (8), ele está posposto ao mesmo predicado. Levando em conta esses fatores, uma ideia que pode ser aventada é a de que o locativo, quando em Spec,TP, bloqueia uma relação anafórica do sujeito da matriz com o sujeito nulo da encaixada, gerando a leitura não-referencial para este sujeito nulo, como em (7). Em contraposição, em (8), esse locativo não estaria em Spec,TP, e o sujeito nulo da encaixada entraria em uma relação com o sujeito referencial da matriz, gerando a leitura correferencial.

Há uma série de abordagens que, embora apresentem características próprias e busquem dar conta de outros fatos do PB ou de outras línguas, se filiam à linha de explicação mencionada no parágrafo anterior, dentre elas Galves 2001; Holmberg 2005; Modesto 2008; Barbosa 2011; Pilati; Naves 2013, etc.<sup>6</sup>

Todavia, há dois fatos importantes que passam despercebidos nessa linha de análise. O primeiro deles é que a sentença (8) é ambígua. Isto é, o sujeito nulo da encaixada pode se referir tanto ao sujeito da matriz quanto ter a interpretação não-referencial a que venho aludindo. Mantendo os mesmos pressupostos, isso sugere que, quando o sujeito nulo recebe interpretação não-referencial, ele pode estar em Spec, TP.<sup>7</sup> O dado em (6) reforça essa observação, já que, nesse dado, temos dois sujeitos nulos não-referenciais, possivelmente, na posição de Spec,TP.

Antes que eu passe a considerar que um pronome nulo não-referencial pode, de fato, estar em Spec,TP, discuto um outro caminho de análise, oferecido por um parecerista anônimo em um comentário sobre a sentença (8). Segundo ele, o pronome nulo não-referencial em questão pode “estar in situ, por oposição ao referencial, que, por hipótese, se moveria (neste tipo de análise, que faz depender a interpretação do sujeito nulo da posição por ele ocupada).” Essa é uma hipótese plausível especialmente se levarmos em conta dois fatos. Um subgrupo das impessoais nulas aqui estudadas, exemplificadas por (8), veiculam julgamento tético, aquele é que há descrição de um evento sem a singularização do sujeito. No PB atual, segundo Kato (2015) e muitos outros, a expressão do julgamento tético geralmente se dá em sentenças inacusativas com o sujeito posposto. Assim, uma sentença como

---

<sup>6</sup> Essas abordagens possuem particularidades que não serei capaz de explorar aqui, dada as limitações e objetivos deste artigo. Para uma exploração mais detalhada das diferenças entre impessoais nulas do PB e do finlandês, com base em Holmberg (2005), ver Alexiadou e Carvalho (2017).

<sup>7</sup> Esse pressuposto, em maior ou menor grau implícito em algumas análises, é de que o PB tem um traço EPP em T que requer que um elemento se move para a posição de especificador dessa projeção. Para uma discussão detalhada dos efeitos de EPP em línguas parcialmente pro-drop, como o PB, consultar Holmberg (2005).

(9a), por exemplo, é formada pela presença de um expletivo em Spec,TP , como exemplificado em (9b).

- (9) a. Chegou o avião.  
b. pro chegou um avião.

Além disso, Sheehan (2015) entre outros, afirmam que em sentenças inacusativas na ordem VS do português europeu e outras línguas românicas têm um efeito de definitude, uma vez que (10b) é melhor do que (10b') em contextos out-of-the-blue:

- (10) a. O que é que aconteceu? [EP]  
b. Chegou alguém ao colégio.  
b'. \*Chegou o João ao colégio. (Sheehan 2015 adaptado)

Em maior ou menor grau, isso também parece ser operativo em PB, uma vez que (10b) é melhor que (10b'). Assim, teríamos, de alguma forma, condições facilitadoras para a existência de um expletivo em impessoais nulas como (8), quais sejam: expressão do julgamento tético e um argumento não-definido. No entanto, outros fatores contribuem para que essa hipótese não seja, necessariamente, verdadeira para esses dados. Uma delas é que, como se verá mais a frente, analisamos o sujeito nulo nessas sentenças como um indefinido heimiano que pode sair do vP, de acordo com a abordagem de Diesing (1992), quando for pressuposicional. Assim, tendo em vista que o pronome nulo em questão guarda muito em comum com indefinidos existenciais, é perfeitamente cabível que a alternância de posição - discutida para as sentenças em (7) e (8), quando ambas têm a mesma leitura - seja em virtude do caráter pressuposicional ou não do pronome nulo em questão, algo a ser explorado em questões futuras. Além disso, o mesmo parecerista discute a possibilidade de haver um expletivo nulo nessas sentenças em virtude de o PB não ter expletivos lexicais, o que sugeriria que essa língua não obedece ao EPP. Todavia, mesmo na ausência de expletivos lexicais, o PB, como é bem sabido, faz uso de uma série de expedientes para preencher a posição de sujeito. (11)a demonstra, por exemplo, que um sujeito locativo concorda com o verbo. Essa sentença equivale à (11)b, uma estratégia também presente em PB.

- (11) a. Essas florestas chovem muito.

b. Chove muito nessas florestas.

(Kato 2015:18)

Assim, há indícios de que essa categoria nula pode satisfazer o EPP e subir para Spec,TP. Como o PB é uma língua que obedece o EPP, mesmo na ausência de expletivos lexicais, e indefinidos heimianos saem do vP quando pressuposicionais - em línguas em que, em outras circunstâncias, eles ficariam dentro do vP na sintaxe aberta -, uma sentença como (8) tem, mais provavelmente, um sujeito nulo em posição de Spec,TP do que em Spec,vP.

No entanto, somente a observação de que o sujeito nulo não-referencial está na posição preverbal, possivelmente Spec,TP, é uma evidência fraca de que sujeitos nulos referenciais e não-referenciais sejam de natureza diferente. Nas próximas seções, uma série de outros fatos serão levados em conta para mostrar que **sujeitos nulos referenciais e não-referenciais não são a mesma categoria**.

Este artigo está organizado da seguinte forma. Na seção 2, descrevo as particularidades de impessoais nulas no PB, subdividindo a seção em 2.1, para dar conta das particularidades de sentenças como (1), e 2.2, para dar conta das particularidades de sentenças como (2). Na seção 3, assumo a abordagem de Diesing (1992) de indefinidos para propriedades de sujeitos nulos em impessoais nulas do PB. Na seção 4, discuto o que as propriedades de impessoais nulas dizem sobre as características dos tipos de sujeitos nulos do PB. Na seção 5, concluo o artigo.

## **2. CARACTERÍSTICAS DAS IMPESSOAIS NULAS DO PB**

### **2.1 INTERPRETAÇÕES EXISTENCIAIS E GENÉRICAS**

Nesta seção, discuto as características particulares de impessoais nulas do PB. Além de oferecer um contraste entre as propriedades de sujeitos nulos referenciais e não-referenciais, a discussão também demonstrará que sujeitos nulos não-referenciais, em (12) e (13) não são iguais.

(12) Aqui vende bala. (=1)

(13) Funciona assim: não comeu toda a comida, fica de castigo. (=2)

Por ora, basta perceber que, embora os sujeitos nulos em (12) e (13) sejam não-referenciais, a referência do sujeito nulo em (12) exclui o falante e o ouvinte. Logo, o sujeito nulo não-referencial em (12) é existencial, porque evoca a existência de uma entidade. A referência dos sujeitos nulos em (13) é genérica, visto que qualquer pessoa – incluindo o falante e o ouvinte – podem ser incluídos na referência desse sujeito nulo. A referência dos pronomes nulos nessas sentenças parece estar correlacionada com as diferentes interpretações aspectuais que elas têm. (12) discorre sobre um evento habitual, isto é, sobre um evento que um ou mais participantes não-especificados fazem com frequência, enquanto (13), por ser genérica, discorre sobre uma regra, que pode ou não corresponder a eventos que ocorreram habitualmente ou não.<sup>8</sup>

Apesar dessas diferenças, uma hipótese plausível é de que os contrastes entre (12) e (13) possam ser derivados de fatores particulares a cada uma dessas derivações e que estejamos lidando com o mesmo pronome. Por exemplo, não é raro que os pronomes impessoais nas línguas do mundo tenham a propriedade de serem usados tanto em contextos existenciais quanto genéricos. Os dados em (14) e (15) exemplificam essa propriedade com a partícula ‘se’.

(14) Nessa firma, conquista-se reconhecimento só depois de muito trabalho.

(15) Nessa firma, conquistou-se reconhecimento só depois de muito trabalho.

Em (14), afirma-se que qualquer pessoa que venha a trabalhar nessa firma será reconhecido somente após trabalhar muito. O falante e o ouvinte podem ser incluídos na referência da partícula ‘se’ nesse caso. Em (15), fala-se de uma pessoa ou um conjunto de pessoas que excluem o falante e o ouvinte. Esses dados também deixam claro que as referências possíveis para ‘se’ se correlacionam com o tempo da sentença (cf. Cinque 1988). A referência genérica do clítico ‘se’, em (14), está atrelada ao tempo presente e aspecto imperfectivo, enquanto a referência existencial desse

---

<sup>8</sup> É importante frisar a diferença entre esta abordagem e outras citadas ao longo deste artigo que trataram dessas sentenças. As diferentes características de (12) e (13) geralmente não são notadas e sentenças impessoais nulas são todas consideradas como exemplares de (12). Além disso, o sujeito nulo é comumente denominado genérico, mesmo que a referência exclua o falante e o ouvinte no PB.

mesmo clítico, em (15), está atrelada ao tempo passado e aspecto perfectivo.<sup>9</sup> Portanto, é plausível que os sujeitos nulos em (13) e (14) apesar de diferirem quanto à referência sejam instâncias do mesmo pronome que recebem essas diferentes leituras devido a fatores circundantes como tempo e aspecto.

No entanto, o exame detalhado de sentenças como (12) e (13) vai mostrar que esse não é o caso. A seção 2.1 é dedicada às propriedades de sentenças como (12) que serão chamadas de impessoais nulas existenciais, de agora em diante. A seção 2.2 se detém nas propriedades de sentenças como (13) aqui chamadas de impessoais nulas genéricas, de agora em diante. A seção 2.3 discute a relação entre os sujeitos nulos das sentenças em (12) e (13).

## 2.1 IMPESSOAIS NULAS EXISTENCIAIS

Além da leitura existencial, as impessoais nulas existenciais possuem uma série de particularidades. Pelo menos duas características da estrutura argumental das impessoais nulas existenciais são dignas de nota. A primeira delas é a seleção de verbos transitivos de stage-level, como os exemplos abaixo deixam claro. Os exemplos abaixo, de Carvalho (2016), exemplificam isso.

(16) Nessa escola ensina matemática.

(17) ??Nesse hospital nasce rápido.

(18) \*Nessa fazenda cresce tranquilamente.

(19) \*Nessa escola sabe matemática.

‘Ensinar’, em (16), é um verbo transitivo de stage-level, que é licenciado nessa construção. Em contraste, verbos inacusativos de stage-level, como ‘nascer’ e

---

<sup>9</sup> Não vou explorar outras possibilidades de tempo e aspecto neste artigo, visto que a exemplificação com o clítico ‘se’ não é o foco desta discussão. Entretanto, o leitor pode verificar que, caso a sentença (14) mantivesse o tempo passado e tivesse aspecto imperfectivo, como (i) abaixo, a leitura da sentença seria genérica.

(i) Nessa firma, conquistava-se espaço só depois de muito trabalho.

Dessa forma, a associação desse clítico com aspecto imperfectivo parece ser mais relevante para derivar a leitura genérica do que com o tempo presente. Não vou me deter nessa questão aqui.



‘crescer’, em (17) e (18) e verbos de individual-level, como ‘saber’, em (19), não são licenciados.<sup>10</sup>

Pode-se traduzir essa restrição como a necessidade de esse pronome nulo receber o papel temático de agente. No entanto, a segunda característica digna de nota para essa construção parece entrar em confronto com a primeira. Como os dados de (20) a (24) mostram, essa construção não licencia uma série de elementos que apontariam para a presença de um agente.<sup>11</sup>

(20) \*Naquela escola de culinária prepara doce para ficar famoso.

(21) \*Na feira não escuta a si mesmo.

(22) \*Aqui conserta sapato com zelo.

(23) \*Na sala de aula levanta a mão.

(24) \*Aqui conserta sapato bêbado/irritado. (Rodrigues, 2004:71)

Todos esses dados mostram que uma série de elementos/orações licenciados por agentes não são licenciados em impessoais nulas existenciais. Mais particularmente, uma oração de propósito como ‘para ficar famoso’ em (20), uma anáfora, como ‘a si mesmo’ em (21), advérbios orientados para o sujeito, como ‘com zelo’, em (22), DPs com possessivos nulos que precisam de um antecedente humano, como ‘a mão’, em (23); e predicados secundários como ‘bêbado’ e ‘irritado’, em (24), não são licenciados.

É importante manter em mente a interpretação relevante já que essas sentenças seriam gramaticais com outras interpretações. Isto é, as sentenças de (20) a (24) são agramaticais quando a interpretação é de um sujeito nulo existencial, isto é, uma pessoa ou grupo de pessoas que não engloba o falante ou o ouvinte. Não raro, falantes julgam sentenças superficialmente iguais às apresentadas acima como aceitáveis (portanto, possivelmente, gramaticais) se elas veicularem, por exemplo, uma regra em relação a um certo evento, como acontece em (25), que é uma modificação de (23).

(25) Na sala levanta a mão!

---

<sup>10</sup> A restrição a verbos de individual-level foi também notada em Avelar; Cyrino (2008) e Barbosa (2013/manuscrito) ainda que as hipóteses para essa restrição sejam diferentes da que vou perseguir neste trabalho.

<sup>11</sup> Julgamentos convergentes para sentenças parecidas se encontram em Cavalcante (2003) e Rodrigues (2004). (20) a (23) são de Carvalho (2016).

A razão para que uma sentença como (25) seja vista como gramatical será vista na próxima seção, quando as propriedades das impessoais nulas genéricas forem discutidas. Basta, por ora, ressaltar duas diferenças: (i) a referência do sujeito nulo de uma sentença como (25) não é a mesma de uma sentença como (23); (ii) a sentença em (23) é uma sentença habitual, isto é, discorre sobre acontecimentos que normalmente acontecem, enquanto (25) é genérica e discorre sobre um evento que é uma regra, mesmo que nunca tenha acontecido. Assim, embora sentenças impessoais existenciais e genéricas possam parecer iguais, as propriedades das categorias nulas envolvidas são claramente diferentes.<sup>12</sup>

Por fim, cabe ressaltar algumas propriedades do adjunto que, obrigatoriamente, aparece em impessoais nulas existenciais. Em primeiro lugar, nota-se a especificidade do adjunto nessas sentenças. Embora todos os exemplos mostrados até agora deixem claro a necessidade de um adjunto, esse elemento não pode assumir qualquer forma, como (26) mostra.<sup>13</sup>

(26) \*Com paciência resolve tudo. (na leitura relevante)

---

<sup>12</sup> Para dar mais um exemplo que esclarece as propriedades diferenciadas de impessoais nulas existenciais e genéricas, considere as sentenças abaixo, que são idênticas às sentenças apresentadas de (20) a (24), exceto pelo fato de serem encaixadas.

- (i) \*João disse que naquela escola de culinária prepara doce para ficar famoso.
- (ii) \*João disse que na feira não escuta a si mesmo.
- (iii) \*João disse que aqui conserta sapato com zelo.
- (iv) \*João disse que na sala de aula levanta a mão.
- (v) \*João disse que aqui conserta sapato bêbado/irritado.

Como dito anteriormente, ao comentar o exemplo (8), não é sempre que o locativo tem de estar anteposto em impessoais nulas existenciais. No entanto, em termos descritivos, a presença desse locativo em posição pré-verbal evita uma relação entre o sujeito da matriz e da encaixada e a única leitura possível para o sujeito da encaixada nesse caso é a não-referencial (e, mais particularmente, a existencial). Evidentemente, o elemento locativo na subordinada também deve ser interpretado sem foco, uma vez que foco permitiria uma relação entre o sujeito da matriz e o sujeito nulo da subordinada. Com isso em mente, o que os exemplos de (i) a (v) intentam mostrar é que essas sentenças são agramaticais justamente porque o sujeito da encaixada não pode licenciar esses elementos/orações que apontam para a presença de um agente.

Assim, enquanto sentenças matrizes podem ser ambíguas e outros fatores circundantes (como a referência do sujeito, se existencial ou genérica) devem ficar explícitos para que os julgamentos relevantes sejam feitos, em sentenças encaixadas como as vistas de (i) a (v), a impossibilidade de licenciamento desses elementos fica clara, porque somente a interpretação existencial é presente neste caso.

<sup>13</sup> Cabe ressaltar que o dado em (23) é gramatical se o sujeito nulo for interpretado como um sujeito nulo referencial de 2ª pessoa. Isto é, uma interpretação irrelevante para os propósitos deste artigo.

Os dados anteriores nos mostram que os adjuntos presentes nessas sentenças são sempre locativos. Essa característica está longe de ser uma idiossincrasia dessas sentenças. Mais do que se comportar como um elemento acessório, a obrigatoriedade de um adjunto locativo pode ser vista em uma sentença como (27) por exemplo, em que não há nenhum adjunto expresso.

(27) Limpa calhas.

Se se tratar de um anúncio de serviço de limpeza de calhas, por exemplo, o locativo implícito se refere justamente ao local em que o anúncio se encontra. Em outras palavras, uma sentença como (27), em um anúncio, não pode querer dizer outra coisa senão *'Aqui limpa calhas/Limpa calhas aqui.'*

É importante ressaltar que esse locativo se refere ao local em que todo o evento vai ocorrer, relação locativa às vezes referida na literatura por *'scene-setting modifier'*. Qualquer outra relação locativa não será possível, como o dado (28) mostra.

(28) \*De Portugal compra o café.

Nesse ponto, já podemos estabelecer algumas relações entre as características de impessoais nulas existenciais. Vimos que as duas primeiras características – seleção de verbos transitivos de stage-level e falta de licenciamento de elementos/orações que apontariam a presença de um agente - parecem apontar para um paradoxo: como um elemento pode ser agente e não licenciar elementos/orações que apontem para a presença de um agente? Há duas possibilidades de interpretação para esse fato. A primeira é de que o sujeito nulo não-referencial seja licenciado no léxico (Cavalcante 2003; Rodrigues, 2004). Ou seja, haveria um agente semântico nessas expressões, mas não sintático.

Embora plausível, essa hipótese concebe as impessoais nulas existenciais como inacusativas. Isto é, sentenças em que só o argumento interno está visível para a sintaxe. (29) abaixo, contudo, mostra que essas sentenças não se comportam como inacusativas, já que não é possível que haja alçamento de possuidor nessas sentenças. Para efeitos de comparação, considere a sentença (30), abaixo, que é indisputadamente inacusativa, e na qual alçamento de possuidor é possível.

(29) a. \*(Aqui) banheiro conserta torneira.<sup>14</sup>

b. \*Banheiro conserta torneira aqui.

(30) A mesa quebrou o pé. = O pé da mesa quebrou. (Cançado, 2010:38)

A agramaticalidade das sentenças em (29) demonstra que o pronome nulo existencial está presente na sintaxe<sup>15</sup>. Assumindo isso, o que os fatores sugerem é que estamos lidando com um pronome subespecificado. Isto é, esse pronome é licenciado na posição Spec,vP, posição de argumento externo dos verbos transitivos de stage-level e disso se segue a interpretação de agente desse pronome. No entanto, o pronome não é completo em termos de traços-phi e não licencia orações de propósito, anáforas, advérbios orientados para sujeito, possessivos nulos e predicados secundários, como visto nos dados de (20) a (24). Crucialmente, falta a este pronome o traço-phi de pessoa. Por que esse seria o traço que falta a este pronome? Na caracterização de anáforas, por exemplo, é normalmente assumido que elas precisam ter os mesmos traços de seu antecedente (Reinhart & Reuland 1993), como o exemplo em (31) demonstra. Podemos atribuir a gramaticalidade de (31) ao fato de que tanto ‘a mulher’ quanto a anáfora ‘se’ possuem traços de pessoa e número coincidentes. Em contraposição, a agramaticalidade de (32) se explica se o pronome demonstrativo não tiver traços de pessoa e número coincidentes com a anáfora. Como esses pronomes estão claramente marcados para número, já que se referem somente a um elemento singular, a agramaticalidade da sentença reside no fato de que esses pronomes não têm traço de pessoa.

---

<sup>14</sup> Seria possível afirmar que o locativo está bloqueando a subida do possuidor (uma vez que ambos poderiam estar na posição de Spec,TP em (29a)). Por isso, o exemplo intenta mostrar que as sentenças em (26a) e (26b) são agramaticais independentemente da posição do locativo, se frontado ou não.

<sup>15</sup> Um parecerista anônimo menciona uma outra possibilidade para se dar conta desses dados. Segundo ele, se considerarmos o trabalho de Barbosa (2011), o sujeito nulo em questão é um NP minimamente especificado. A interpretação existencial, nesse caso, ‘resulta de o SN incorporar semanticamente com o VP e a variável que introduz estar ligada por fechamento existencial, ao nível de VP. Isso explicaria a incompatibilidade com predicados individual level e poderia também explicar a dificuldade de ligação de anáforas, etc.’ Isso, de fato, está correto para os dados aqui descritos porque as impessoais nulas existenciais se comportam como elementos semanticamente incorporados: não podem ser retomadas por pronomes no discurso, não têm escopo largo, etc (Farkas & De Swart 2003). No entanto, essa incorporação semântica não implica, necessariamente, em ausência desse elemento na sintaxe e é isso que a discussão pretende mostrar. Tentar explorar a constituição sintática desse pronome tem um impacto interessante para as relações de agree, por exemplo, como veremos mais à frente neste artigo.

(31) A mulher se penteou.

(32) \*Este/Isto se penteou.

O mesmo raciocínio se aplica aos outros elementos que o pronome nulo existencial não licencia. Veja que ‘este/isto’, pronomes claramente marcados para número, mas não para pessoa, não licenciam os mesmos elementos que o pronome nulo existencial não licencia.

(33) \*Este/Isto não escuta a si mesmo.

(34) \*Este/Isto conserta sapato com zelo.

(35) \*Este/Isto levanta a mão.

(36) \*Este/Isto conserta sapato bêbado/irritado.

Obviamente, o que pretendo com a comparação entre os pronomes ‘este/isto’, de um lado, e o pronome nulo existencial, de outro, não é mostrar que o pronome nulo existencial tem os mesmos traços de ‘este’ ou de ‘isto’ ou que esse pronome seja a versão nula desses demonstrativos. Na verdade, pretendo mostrar que seja qual for a constituição desse pronome nulo, ele não licencia esses elementos porque não tem um traço de pessoa e, nesse sentido, é comparável a esses demonstrativos.

Um parecerista anônimo nota que as construções com ‘se’, clítico considerado defectivo em termos de traços-phi, por exemplo, licenciam orações de propósito, como o exemplo (37), fornecido pelo mesmo parecerista, deixa claro. Isso sugere que elementos defectivos podem, sim, licenciar elementos como orações de propósito.

(37) Falou-se de política para mudar de assunto.

Se a argumentação defendida neste artigo está no caminho certo, há duas alternativas para se explicar a possibilidade de uma construção como (37). Primeiramente, pode ser o caso de esse clítico, de fato, ser defectivo, mas não em relação ao traço relevante para o licenciamento da oração de propósito. Esse clítico pode não ser especificado para um traço de número, por exemplo, ou ainda ter um traço de pessoa não-especificado, compatível com a sua interpretação impessoal. Note que essa defectividade, no entanto, é claramente diferente da que se nota nos dados com impessoais nulas existenciais. Não parece ser o caso de o sujeito nulo em impessoais nulas existenciais não ter um traço de número, mas ter um traço de

pessoa ou, ainda, ter um traço de pessoa subespecificado, compatível com a sua interpretação impessoal. Se estamos lidando com dois elementos defectivos, a diferença entre eles é clara: o sujeito nas impessoais nulas não tem um elemento crucial para licenciar os elementos em discussão; enquanto o clítico ‘se’ tem esse elemento, ainda que ele possa ser considerado defectivo quando comparado com pronomes plenos.

Outra possibilidade que se deve levar em conta é que esse clítico pode ser acompanhado de um pro genérico e este é responsável pelo licenciamento desses elementos. Essa ideia se encontra em Rizzi (1986) e Cinque (1988), para o italiano, MacDonald (2017), para o espanhol, além de Carvalho (2016) e MacDonald, Carvalho e Leroy (2016) para o português brasileiro.

Para terminar essa breve caracterização de pronomes nulos em sentenças existenciais, considero, agora, o papel do advérbio. Como dito, o advérbio é sempre locativo. Como isso se coaduna aos fatos explorados nesta seção? Mais do que um adjunto, a presença de um locativo nessas sentenças está ligada a uma realização obrigatória do argumento evento, argumento que só existe em predicados de stage-level (cf. Diesing, 1992 e Kratzer, 1995). Esse tópico será abordado mais detidamente em trabalhos posteriores.<sup>16</sup>

Em suma, esta seção mostrou algumas propriedades das impessoais nulas existenciais em PB, que podem ser resumidas abaixo:

**(38) Caracterização das impessoais nulas existenciais do PB:** um pronome nulo subespecificado sempre é licenciado na posição de argumento externo de um vP transitivo de stage-level. O argumento evento, manifestado como um locativo, obrigatoriamente fecha a variável desse pronome nulo subespecificado.

Na seção 2.3, uma análise teórica será fornecida para a caracterização em (38). Por ora, concentro-me nas propriedades das impessoais nulas genéricas, apresentadas na seção 2.2.

---

<sup>16</sup> Para fatos bastante semelhantes e uma discussão nessa linha de implementação, veja Zimmermann (2007) sobre o fechamento existencial na língua Bura.

## 2.2 IMPESSOAIS NULAS GENÉRICAS

Além da leitura genérica, as impessoais nulas genéricas diferem significativamente das impessoais nulas existenciais, descritas na seção anterior. Em relação à seleção verbal, por exemplo, as impessoais nulas genéricas se combinam com qualquer tipo de verbo, como os exemplos em (39) e (40) ilustram:

(39) Nesse tipo de bairro é assim: nasceu, vai crescer malandro.

(40) Nesse colégio é assim: sabe a matéria, passa; não sabe, não passa.

Em (39), verbos inacusativos, como ‘nascer’ e ‘crescer’, são licenciados em impessoais nulas genéricas. Em (40), um verbo de individual-level, ‘saber’, também é licenciado. Veja que esses verbos não eram licenciados em impessoais nulas existenciais, o que se constitui como evidência para a hipótese de que há elementos nulos diferentes nessas sentenças.

Outra evidência para essa hipótese é o licenciamento de elementos/orações que indicam o pronome nulo genérico contém traços-phi de pessoa. Isso pode ser visto nas sentenças de (41) a (44).

(41) Como enxuga a mão nesse aparelho?

(42) Ele aprendeu como faz gol contra de propósito.

(43) Esse tipo de exercício só faz sentado, pra não machucar as pernas.

(44) Como se enxuga sem toalha? (na interpretação relevante)

Em (41), o possessivo nulo ‘a mão’ é licenciado, o que indica que o pronome nulo genérico contém os traços de pessoa necessários para licenciar tal elemento. Em (42), o advérbio orientado para sujeito ‘de propósito’ também é licenciado. Na sentença em (43), tanto o predicado secundário ‘sentado’ é licenciado quanto a oração de propósito ‘para não machucar as pernas’. Novamente, fica claro que o elemento nulo em impessoais nulas existenciais e genéricas não é da mesma natureza. Lembre que os pronomes nulos em impessoais nulas existenciais não licenciam esses elementos, embora estejam presentes na sintaxe. A conclusão a que chegamos é a de que aqueles pronomes nulos não possuem um conjunto completo de traços-phi. Em outras palavras, esses elementos não se comportam como DPs – elementos que são visíveis como entidades na sintaxe. Os pronomes nulos em

impessoais genéricas, por outro lado, se comportam como DPs, são expressões plenamente especificadas, o que fica comprovado pelo licenciamento dos elementos acima.

Soma-se a isso o fato de que as sentenças em discussão nesta seção não necessitam de um locativo. Considere os exemplos de (41) a (44). Nesses casos, não se pode dizer que há um locativo implícito como ‘aqui’ (a interpretação default para locativos implícitos, como discutido para a sentença (27)). Isso se dá porque sentenças impessoais nulas genéricas, como o próprio nome diz, envolvem quantificação genérica. Essa quantificação não depende de locativos que situam o evento. Dessa forma, embora locativos possam ocorrer, como nas sentenças (39) e (40), eles são dispensáveis.

Levando em conta essa discussão, (45) sumariza as propriedades de impessoais nulas genéricas.

**(45) Caracterização das impessoais nulas genéricas do PB:** um pronome nulo com um conjunto completo de traços-phi pode se combinar a diferentes tipos de verbos e nascer tanto como argumento interno quanto argumento externo. Esse pronome está sempre sob escopo de um operador genérico.

Na seção 3, apresentarei uma abordagem teórica para as características das dos pronomes das impessoais nulas do PB.

### **3. PRONOMES NULOS E EXISTENCIAIS COMO INDEFINIDOS**

#### **3.1 INDEFINIDOS DE ACORDO COM DIESING (1992)**

Como visto, as características das impessoais nulas existenciais e genéricas permitem depreender algumas características de seus pronomes. Os pronomes nulos existenciais, como enunciado em (38), são elementos defectivos em termos de traços-phi, já os pronomes nulos genéricos são phi-completos. Os dois tipos de pronomes também são selecionados por vPs diferentes: enquanto os pronomes nulos existenciais só são selecionados por vPs transitivos de stage-level, os pronomes nulos genéricos são selecionados por qualquer vP. No entanto, a descrição desses dois tipos



de pronomes deixa clara uma semelhança entre eles: ambos necessitam ser licenciados por adjuntos específicos. No caso do pronome nulo existencial, o adjunto relevante é um locativo que situa o local em que todo o evento ocorreu. Já o pronome nulo genérico tem de ser acompanhado por adjuntos que indicam que aquele evento é uma regra, como ‘é assim’ e ‘normalmente’. Isso aponta que esses pronomes nulos são indefinidos. Isto é, expressões nominais sem quantificação inerente que dependem de um operador para serem interpretados. (46) e (47) exemplificam isso com o DP foneticamente realizado ‘uma menina’. Em (46), tal DP se refere a qualquer menina; em (47), refere-se a uma menina específica. Crucialmente, as diferentes interpretações de ‘uma menina’ dependem da posição desse sintagma na árvore sintática em Forma Lógica.

(46) Uma menina veio aqui hoje, não sei quem...

(47) Uma menina do grupo de pesquisa veio aqui hoje.

Para discutir algumas propriedades de indefinidos e a posição sintática que ocupam, vou usar a abordagem sintática de Diesing (1992). Os dados em (48) mostram que leituras existenciais e genéricas para indefinidos estão correlacionadas à posição sintática em alemão. Para demonstrar isso, Diesing (1992) considera que a expressão ‘ja doch’ se encontra na borda do vP. Tomando isso como parâmetro, pode-se correlacionar a leitura de certos elementos com a sua posição sintática (e, mais particularmente, com a sua posição dentro ou fora do vP). Em (48)a, ‘ameisen’ (formigas) recebe uma leitura genérica e encontra-se à esquerda de ‘ja doch’, sugerindo que a leitura genérica desse indefinido se dá quando ele sai do vP. Em (48)b, ‘ameisen’ (formigas) recebe uma leitura existencial e se encontra à direita de ‘ja doch’, sugerindo que a leitura existencial desse indefinido se dá quando ele está dentro do vP.

(48) a.... weil **Ameisen** ja doch einen Postbeamten gebissen haben.

since ants indeed a postman bitten have.

‘as for ants, many have bitten a postman.’

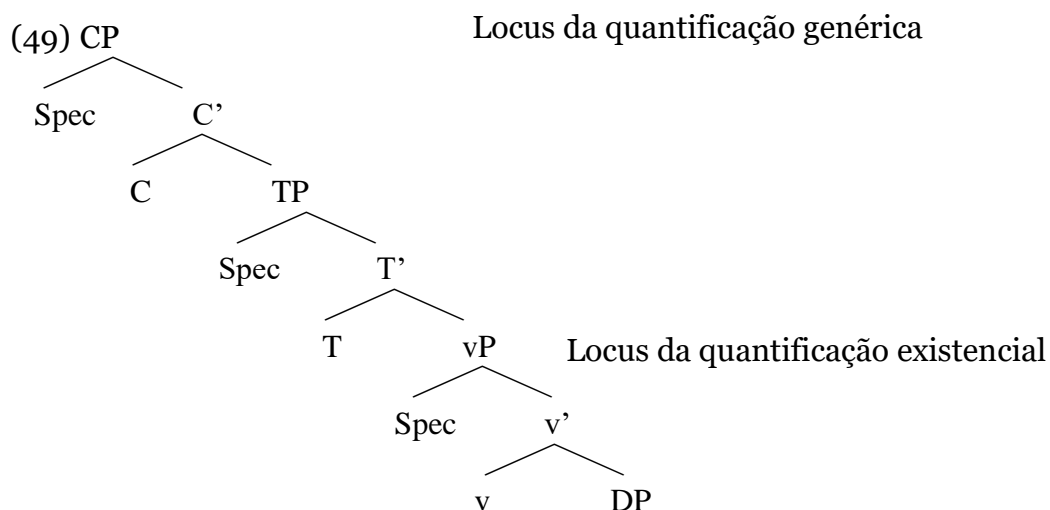
b.weil ja doch **Ameisen** einen Postbeamten gebissen haben.

since indeed ants a postman bitten have.

‘there exist/some ants have bitten a postman.’

(Diesing, 1992:31)

As diferentes interpretações de ‘ameisen’, em (48), indicam que os operadores responsáveis pelas leituras existencial e genérica estão em porções diferentes da árvore, conforme mostrado na estrutura em (49).



Mais especificamente, (49) mostra que o lócus da quantificação genérica é C e o da quantificação existencial é o vP.

Cabe ressaltar que nem todas as línguas correlacionam as possibilidades de interpretação de indefinidos com posições sintáticas dedicadas a cada uma das leituras como o alemão. Em algumas línguas, como o inglês, por exemplo, a sentença em (50) é ambígua e pode receber, em Forma Lógica (FL) tanto a leitura existencial, representada em (50)a, quanto a leitura genérica, em (50)b.

(50) Firemen are available.

a.  $\exists x$  x is a fireman  $\wedge$  x is available

there are firemen available at some point in time. (Diesing 1992:17)

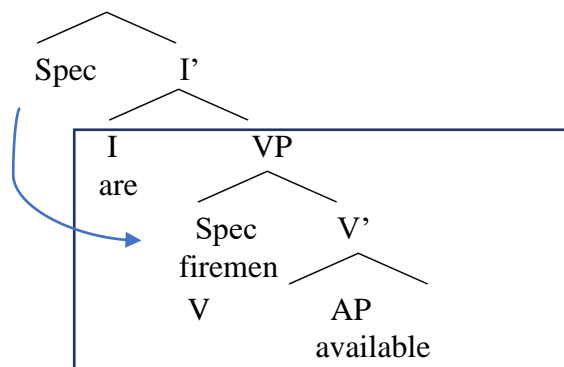
b. Gen x,t [x is a fireman  $\wedge$  t is a time] x is available at t

“It is a property of firemen that they be generally available for fighting fires.”

(Diesing 1992: 18)

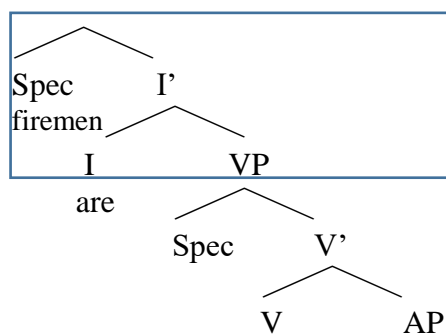
As diferentes leituras da sentença em (50) se correlacionam com posições que o DP ‘firemen’ ocupa em LF. O exemplo em (51) ilustra a obtenção da leitura existencial em FL para o DP ‘Firemen’ em (50). Para receber essa leitura, o DP fica sob escopo do operador existencial, acima de vP.

(51) IP



Em (52), o DP que já estava na posição de Spec, IP na derivação sintática, continua nessa mesma posição em FL, já que é sobre essa posição que incide a quantificação genérica.

(52) IP



A próxima seção se dedica a mostrar como o arcabouço de Diesing (1992) auxilia no entendimento das características dos pronomes de impessoais nulas em estudo.

### 3.2 Inspecionando as características de pronomes em impessoais nulas

Apresentada essa abordagem, deve-se agora mostrar que as impessoais nulas existenciais e genéricas se comportam como indefinidos. Nesta seção, então, além de inspecionar as características centrais de indefinidos mostradas acima, vou aludir

também a alguns fatos específicos da abordagem de Diesing (1992) e discutir como eles se coadunam com as propriedades dos pronomes de impessoais nulas.

Como dito anteriormente, as impessoais nulas existenciais e genéricas são dependentes de um operador, o que já aponta para o fato de que os pronomes nulos, nessas sentenças impessoais, são indefinidos.

Além disso, a seleção verbal nas impessoais nulas existenciais é típica de indefinidos existenciais. Indefinidos existenciais – indefinidos fracos, na abordagem de Diesing – só podem ser argumentos de verbos de stage-level. Já indefinidos genéricos não são selecionados somente por um tipo de vP.<sup>17</sup> Isso se coaduna com a distribuição desses pronomes com certas classes verbais.

Ainda sobre as impessoais nulas existenciais, as restrições de tempo e aspecto que elas apresentam são decorrentes do requerimento de que elas devem ficar dentro do vP em FL. Uma comparação com dados de uma determinada classe verbal do inglês exemplifica isso. Diesing (1992) nota que complementos de verbos de destruição ('tear up', 'ban', 'destroy', etc) se comportam de forma excepcional no que tange às possibilidades de extração. Mais especificamente, verbos de destruição só aceitam a extração de uma parte do complemento se a sentença estiver no presente, como mostrado em (53). Se a sentença apresentar passado episódico, a extração é impossível, como mostrado em (54).

- (53) a. What do elephants usually destroy pictures of?  
b. What does the school board usually ban books about?  
c. What does Egbert usually tear up articles about?

(Diesing, 1992: 120)

- (54) a. \*What did you destroy a painting of?  
b. \*?Who did you burn a picture of?  
c. \*What did you tear up a paper about?  
d. \*Who did the school board ban a book by? (Diesing, 1992: 120)

---

<sup>17</sup> Na abordagem de Diesing (1992), essa diferença é explicada com a assunção de que o argumento externo de verbos de individual-level já nasce em Spec,IP e tem sua relação mediada com a predicação por um PRO, que fica no Spec,vP (Spec.VP nos termos da época). Os argumentos externos de verbos de stage-level, por outro lado, já nasceriam dentro do vP. Por essa razão, o argumento externo de um verbo de individual-level é sempre genérico, já que ele não poderia ser reconstruído para uma posição dentro do vP.

Os exemplos em (55), abaixo, servem de contraste à situação acima, já que verbos como ‘read’ e ‘play’ permitem a extração de parte do objeto independentemente da temporalidade da sentença.

(55) A. What do you usually read books about?

a.’ What did you read books about?

b. Who do you usually play sonatas by?

b.’ Who did you play sonatas by?

c. What do you usually tell jokes about?

c.’ What did you tell jokes about?

(Diesing, 1992: 116, modificado)<sup>18</sup>

A explicação para o caráter excepcional dos verbos de destruição se baseia em dois fatos. O primeiro fato é o DP de objetos de destruição ser um DP existencial, ou seja, um elemento que tem de ficar obrigatoriamente sob escopo do operador existencial localizado acima do vP. O segundo é a dependência do tempo presente. Exploro, a seguir, cada um desses fatores. Os verbos de destruição possuem uma natureza ‘once-only’, segundo Diesing (p.121). Isso quer dizer que os participantes dos eventos descritos por esses verbos não perduram no tempo e isso, provavelmente, está ligada à má-formação da extração do complemento dessas sentenças quando em tempo especificado. Um advérbio de quantificação nulo deve, nesse caso, ligar uma variável situacional que requer que a ligação seja sobre pluralidade de situações (daí a compatibilidade com o tempo presente e aspecto habitual).

Em contraste, os DPs na posição de objeto em (55) não têm, obrigatoriamente, uma leitura existencial e podem ser mapeados sob escopo de outros operadores, o que explica por que essas sentenças são bem-formadas para falantes nativos de inglês.

Se essa análise está no rumo certo, é esperado que a agramaticalidade das sentenças em (53) seja solucionada se outra expressão for mapeada sob escopo do operador de tempo. Isto é, qualquer expressão compatível com esse operador de tempo permitirá que o DP existencial fique sob escopo do operador existencial acima de vP e a sentença resultará bem-formada porque os operadores em T e vP possuem

---

<sup>18</sup> Diesing (1992) somente dá exemplos de sentenças com verbos no presente nesta parte da discussão, embora afirme que somente a classe de verbos de destruição tem uma restrição quanto à temporalidade da sentença. Agradeço a Jeannique Darby, Jonathan MacDonald e Michelle Sheehan (c.p) pelo julgamento das sentenças equivalentes no passado.

elementos sob seu escopo. A gramaticalidade de (56) mostra que essa previsão está certa. Com a introdução da expressão ‘every day’ (todo dia), T especificado tem uma expressão sob seu operador e a extração de objeto é permitida, como o elemento extraído será mapeada sob escopo do operador existencial em FL.

(56) a. Oscar burns a picture of a linguist every day.

b. Who did Oscar burn a picture of yesterday? (Diesing, 1992:122)

Tendo em vista essa análise para DPs existenciais com verbos de destruição em inglês, considere, novamente, as características das impessoais nulas existenciais do PB. (57) e (58), abaixo, mostram que as mesmas características dos DPs existenciais com verbos de destruição são replicadas em impessoais nulas existenciais. Isto é, (57) ilustra que a impessoal nula existencial é gramatical se o tempo da sentença for presente, enquanto (58) ilustra sua agramaticalidade se o tempo for passado. Essa situação é paralela a que observamos com os objetos de verbos de destruição no inglês.

(57) Na casa da Maria vende fruta.

(58) \*Na casa da Maria vendeu fruta.

(58) se torna gramatical se uma expressão que indica um intervalo temporal é adicionada à sentença, como se vê em (59).

(59) Na casa da Maria vendeu fruta por muito tempo.

Dessa forma, a mesma explicação dada para as restrições temporais de extração do complemento dos verbos de destruição se observa aqui. Como não há extração envolvida, o que os exemplos de impessoais nulas existenciais nos mostram é que se houver um operador (como T especificado) na sentença, esse operador teria de ter algo sob seu escopo em FL. No entanto, o pronome impessoal nulo deve ficar, obrigatoriamente, sob escopo do operador existencial, localizado acima de vP. Esse elemento não pode ser mapeado no escopo de outros operadores. Essas considerações explicam a boa formação de (57), já que um advérbio de quantificação se ligaria a uma varável situacional aqui, da mesma forma que nos exemplos em

inglês. Assim, a má-formação de (58), já que um advérbio de quantificação, nesse caso, não ligaria uma variável situacional, mas poderia ligar o próprio indefinido. No entanto, o pronome nulo existencial tem de ficar, obrigatoriamente, sob escopo do operador existencial acima de vP, resultando na agramaticalidade dessa sentença.

Por sua vez, (59) se torna bem formada, porque a introdução de ‘por muito tempo’ garante que o advérbio de quantificação possa ligar uma variável situacional. Veja que, nesse caso, novamente, a sentença é compatível com uma pluralidade de situações. Assim, o pronome impessoal nulo ficará sob o escopo do operador existencial. Esses requerimentos do pronome nulo impessoal existencial deixam clara a sua natureza: um indefinido existencial especializado, isto é, ele deve ficar sempre sob escopo de um operador existencial em FL, isto é, sempre no interior do vP em FL.

Como é de se esperar, os pronomes nulos genéricos são imunes a variações de especificação de tempo e presença ou não de expressões de advérbios de quantificação. Isso porque os pronomes licenciados nessas estruturas são sempre genéricos e estão sob escopo de um operador genérico em C. Assim, a introdução de uma expressão como ‘por muito tempo’, em (60), altera a leitura aspectual do evento, mas não tem impacto na gramaticalidade da sentença como tem em impessoais nulas existenciais.

(60) No congresso funciona assim: foi eleito (por muito tempo), só faz as coisas para si mesmo.

Repare que estou falando aqui sobre o escopo desses pronomes nulos em estudo. Assim, o fato de o pronome nulo existencial ter de ficar sob escopo do operador existencial não significa, em absoluto, que ele não possa se mover para Spec,TP na sintaxe. Da mesma forma, como o pronome nulo genérico é dependente de um operador genérico, situado em C, tal pronome está sempre em Spec, TP pelo menos em FL. Essas posições não são paralelas, necessariamente, às posições que esses elementos ocupam na sintaxe aberta. Na próxima seção, faremos um panorama dos contrastes entre as impessoais nulas e o sujeito nulo referencial de 3ª pessoa.

#### 4. SUJEITO NULO REFERENCIAL E SUJEITOS NULOS NÃO-REFERENCIAL NO PB

As propriedades das impessoais nulas, exploradas na seção 3, deixam claro que esses elementos diferem significativamente do sujeito referencial de 3ª pessoa, tanto em sua versão foneticamente realizada quanto na versão nula. A tabela 1 sumariza as diferenças entre essas três categorias nulas.<sup>19</sup>

<b>Sujeitos (nulos) de 3ª pessoa</b>			
<b>Testes</b>	<b>Pronome nulo existencial</b>	<b>Pronome nulo genérico</b>	<b>Pronome de 3ª pessoa referencial</b>
Orações de propósito?	*?	✓	✓
Predicados secundários?	*	✓	✓
Anáforas?	*	✓	✓
Advérbios orientados para o sujeito?	*	✓	✓
Possessivos nulos?	*	✓	✓
Verbos de individual-level?	*	✓	✓
Verbos transitivos de stage-level?	✓	✓	✓
Verbos inacusativos de stage-level?	*	✓	✓
Aspecto habitual?	✓	*	✓
Aspecto genérico?	*	✓	✓

**Tabela 1:** Características dos sujeitos nulos de 3ª pessoa

As características dos três pronomes em estudo deixam claro que há três entidades diferentes, uma vez que nenhum deles coincide em todos os aspectos. Tal assunção pode levar a duas indagações estreitamente relacionadas: (i) por que uma língua desenvolveria três elementos nulos de 3ª pessoa? (ii) se a existência de impessoais nulas e sujeitos nulos referenciais nas encaixadas é algo comum em línguas parcialmente pro-drop, como o PB, por que não conseguimos achar algo em comum entre esses pronomes?

Minha proposta é que os pronomes nulos referencial e não-referencial de 3ª pessoa estão, sim, correlacionados, mas não por alguma semelhança pronominal que se manifesta em todos eles e sim por propriedades do núcleo funcional T da língua. Mais especificamente, como visto na discussão da seção 2.1, falta ao pronome

---

<sup>19</sup> Como é consensual que pronomes referenciais não tenham as restrições que discuto aqui, não fiz os mesmos testes de licenciamento de orações/expressões que fiz para os pronomes nulos não-referenciais.



impessoal existencial o traço de pessoa. Esse pronome é, invariavelmente um argumento externo de verbos transitivos de stage-level, o que significa que ele sempre entra em relação com o núcleo T em relações de agree. Dado que esse pronome é phi-incompleto, há duas possibilidades sobre a relação de agree que leva à checagem de Caso desse pronome esboçadas em (61).

(61) **Possibilidade #1:** T é subespecificado assim como o pronome nulo existencial, isto é, possui somente traços de número;

**Possibilidade #2:** T não é subespecificado e possui um conjunto completo de traços-phi, composto de traços-phi de pessoa e número não-interpretáveis.

A primeira opção é compatível com propostas de que o sujeito nulo referencial do PB é um vestígio de movimento (Ferreira 2000, 2009; Nunes, 2008, entre outros). Essas propostas se baseiam na assunção de que T é um núcleo funcional ambíguo em PB, podendo ter traços-phi completos (pessoa e número) ou incompletos (número). No último caso, o pronome referencial de 3ª pessoa não é licenciado e deve se mover para outra oração para que tenha seu traço de Caso valorado. A base empírica dessa proposta é o fato de o sujeito nulo referencial só ser licenciado em uma sentença encaixada, como (62) e (63), abaixo, demonstram. Isto é, se não houver possibilidade de movimento, como em (63), a sentença é agramatical com a leitura referencial do sujeito nulo.<sup>20</sup> Além disso, como (64) mostra, a correferência entre a categoria vazia na sentença mais encaixada e o DP ‘O João’, sujeito da sentença matriz, é impossível. Isso, novamente, pode ser explicado por movimento, já que, se ‘O João’ tivesse se movido da oração mais encaixada para a matriz, ele teria de pular as posições Spec,vP e Spec,TP da oração intermediária, porque elas estariam ocupadas com o vestígio de ‘o Pedro’ (Spec, vP) e esse mesmo DP (Spec,TP). Isso induziria a uma violação das regras de movimento.

(62) O João disse que mandou um presente. (=3)

(63) \*Mandou um presente. (=4)

---

<sup>20</sup> Em particular, (63) é também agramatical com leitura não-referencial, mas isso nada tem a ver com a impossibilidade de movimento e sim com as características de impessoais nulas investigadas acima: dependência de aspecto genérico (impessoais nulas genéricas) ou habitual (impessoais nulas existenciais) e presença de operadores.

(64) \*O João<sub>i</sub> disse que o Pedro falou que Ø<sub>i</sub> mandou um presente.<sup>21</sup>

Em suma, nessa proposta, derivam-se as possibilidades restritas de sujeitos nulos referenciais do PB a partir das premissas de que T, nessa língua, ficou subespecificado em virtude da perda de morfologia largamente documentada para o PB (Duarte 1995; Kato 1999). Quando um T subespecificado se combina a um vP na sintaxe, não haverá como checar o Caso do pronome/DP na posição de sujeito se esse elemento for phi-completo. Então, a alternativa para que a derivação não fracasse é o movimento do pronome phi-completo. Uma vez que a existência desse T já foi defendida para o PB, é interessante que a análise de pronomes nulos não-referenciais preveja a existência desse mesmo T em virtude das propriedades do pronome nulo existencial.

É igualmente interessante que a análise do pronome nulo referencial do PB faça uso de dois núcleos T, um subespecificado, que não pode valorar o Caso do pronome/DP referencial, e um especificado, que será o alvo do movimento, e poderá valorar o Caso de pronomes e DPs referenciais. Para dar conta das propriedades discrepantes dos pronomes nulos existencial e genérico, especialmente no que tange ao licenciamento de elementos/orações que apontariam a presença de um sujeito com traços-phi de pessoa, seria necessário a presença de dois núcleos T no sistema: um subespecificado, que entra em relação de agree com o pronome nulo existencial, e um especificado, que entra em relação de agree com o pronome nulo genérico, que é phi-completo. Assim, se essa análise estiver no caminho certo, a hipótese de dois núcleos T para dar conta do licenciamento de sujeito nulo referencial de 3ª pessoa é corroborada pelas características dos pronomes nulos não-referenciais do PB.

No entanto, antes de se assumir essa análise, ainda é necessário discutir a possibilidade #2 aventada em (61): T é totalmente especificado mesmo que entre em uma relação com um pronome subespecificado. Se T é totalmente especificado e o pronome subespecificado, T terá de entrar em uma relação de valoração, novamente, com outro elemento. Do contrário, a derivação não convirá. Casos como esse foram explorados em Chomsky (2001) e usarei a sentença em (65) e sua derivação em (66) como base para comparação.

---

<sup>21</sup> Pode-se derivar esses fatos de formas que não envolvem movimento (cf. Modesto 2000, Holmberg 2005, entre outros) ou derivá-los com movimento que não tem a ver com a especificação de T, mas com as características do EPP do PB (cf. Rodrigues 2004). Opto pela abordagem de Ferreira (2000), no entanto, porque a existência de um T subespecificado vai ser crucial para tratar as relações de agree de impessoais nulas existenciais, como se verá imediatamente abaixo.

(65) There is likely to arrive a man. (Chomsky, 2001:16)

(66) [ C [ T be likely [there to arrive a man]]]

A derivação da sentença em (65) é relevante para os propósitos desta exposição uma vez que ela possui os ingredientes que fazem parte da Possibilidade #2, aludida em (61). Mais especificamente, o T da matriz em (65) possui traços phi-completos que entrarão em uma relação de agree com ‘there’, um expletivo com traços phi-incompletos. Dessa forma, a derivação acontecerá, simplificadamente, da seguinte forma.

(67) Passo 1: T completo entra em uma relação de agree com ‘there’.

Passo 2: o traço não-interpretável de ‘there’ é deletado, mas T não tem nenhum traço valorado;

Passo 3: EPP força o alçamento de ‘there’ para Spec,TP;

Passo 4: T entra em uma relação de agree com ‘a man’;

Passo 5: o traço de caso de ‘a man’ é deletado e os traços de T são deletados.

Como se pode ver pelos passos detalhados em (67), é crucial que a sonda T entre em uma relação de agree com outro elemento se ela for phi-completa, já que ‘there’ não pode valorar seus traços (que só são valorados em conjunto pelo efeito de *maximização de matching* descrito em Chomsky (2001)). É também crucial perceber que, em (65), as sondas T e v da encaixada são incompletas, por se tratar de uma sentença infinitiva e inacusativa. Portanto, tais sondas são incapazes de valorar o caso de ‘a man’ e o T da matriz pode entrar em uma relação de agree com ‘a man’ sem violar nenhuma restrição de localidade.

Voltando às impessoais nulas existenciais, se T for completo nessas sentenças e o pronome nulo existencial incompleto, T valorará o traço de Caso do pronome nulo existencial e continuará procurando um elemento com o qual possa entrar em uma relação de agree e que deletará seu conjunto completo de traços, à maneira do que foi exposto em (67). Isso, todavia, não vai ser possível porque T teria de pular a sonda v\* para entrar em uma relação de agree com o DP na posição de objeto, já que a sentenças impessoais nulas são transitivas.

(68) \*[ C [ T vende [(∅[v\* roupa]]]

Assim, diferentemente da sentença em (65), em que T da matriz não cruza fases fortes, T em (68), se fosse totalmente especificado, entraria em uma relação de agree com um elemento que está sob domínio de outra sonda. Portanto, é implausível que as impessoais nulas existenciais envolvam um T completo. As impessoais nulas existenciais e genéricas, se tomadas em conjunto, oferecem suporte independente para a assunção de que há dois núcleos T em PB, com especificação diferente, em virtude da perda de morfologia nessa língua.

## 5. CONCLUSÃO

Este artigo discorreu sobre as características de impessoais nulas do PB. Mostrei que há dois tipos com características diferentes. As impessoais nulas existenciais têm um pronome phi-incompleto, o que pode ser notado pela incapacidade de essas sentenças licenciarem uma série de elementos/orações que são dependentes do traço-phi de pessoa. Em contraposição, as impessoais nulas genéricas licenciam esses elementos, o que aponta a existência de um pronome phi-completo nessas sentenças. Uma vez que esses pronomes devem entrar em relação com uma sonda, investiguei possibilidades de especificação da sonda e argumentei que há duas sondas em PB, uma incompleta, que entra em uma relação de agree com o pronome nulo existencial, e uma completa, que entra em uma relação de agree com o pronome nulo genérico. A ambiguidade de T já havia sido proposta independentemente no PB, o que reforça a proposta aqui formulada, uma vez que se acha evidência para a sua existência com base em mais de um fenômeno do PB.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIADOU, Artemis; CARVALHO, Janayna The Role of Locatives in (Partial) Pro-Drop Languages. In: BAILEY, Laura R; SHEEHAN, Michelle (eds.), *Order and Structure in Syntax II: Subjecthood and Argument Structure*. Berlim:Language Science Press, 2017.

AVELAR, Juanito; CYRINO, Sonia Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v.3, 2008.

- BARBOSA, Pilar. Partial pro-drop as null NP anaphora. In: Fainleib, Yelena; LaCara, Nicholas; Park, Yangsook. *Proceedings of the 41st Annual Meeting of the North East Linguistic Society*. Amherst, USA: GLSA, 2011.
- BARBOSA, Pilar. *Pro as a minimal NP: Towards a unified approach to pro-drop*. University of Minho. Manuscrito/2013.
- CANÇADO, Márcia. Comparando Alternâncias Verbais no Português Brasileiro: 'cortar o cabelo' e 'quebrar o braço'. *Revista Letras*, v. 81, 2010.
- CAVALCANTE, Sílvia. Sujeitos genéricos. Manuscrito/2003
- CARVALHO, Janayna. O sujeito em impessoais nulas do português brasileiro. Relatório de pesquisa submetido ao CNPq. Manuscrito/2016.
- CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael. *Ken Hale: A life in language*. Cambridge: MIT Press, 2001.
- CINQUE, Guglielmo. On si constructions and the theory of arb. *Linguistic inquiry*, v. 19, n. 4, 1988.
- DIESING, Molly. *Indefinites*. MIT Press. Cambridge: MIT Press, 1992.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado, 1995.
- FARKAS, Donka; DE SWART, Henriette. The semantics of incorporation. *Stanford Monographs in Linguistics*. CSLI Publications: Stanford, 2003.
- FERREIRA, Marcelo Barra. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, 2000.
- FERREIRA, Marcelo. Null subjects and finite control in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo. *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam: John Benjamin Publishing, 2009.
- GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- HOLMBERG, Anders. Is there a little pro? Evidence from Finnish. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 4, 2005.
- KATO, Mary Aizawa. Strong and weak pronominals in the null subject parameter. *Probus*, v. 11, n. 1, 1999.
- KATO, Mary Aizawa. Expletivos nulos e construções de tópico/sujeito no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 57, n. 1, 2015.
- KRATZER, Angelika. Individual-level predicates. In: CARLSON, Gregory N.; PELLETIER, Francis Jeffrey (Ed.). *The generic book*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- MACDONALD, Jonathan. An Implicit Projected Argument in Spanish Impersonal-and Passive-Se Constructions. *Syntax*, v. 20, n. 4, p. 353-383, 2017.
- MACDONALD, Jonathan; CARVALHO, Janayna; MADDOX, Matthew. An argument from Brazilian Portuguese for a syntactically projected implicit argument. In: HAMMERLY, Christopher; PRICKETT, Brandon (eds.). *Proceedings of 46<sup>th</sup> Annual Meeting of the North Eastern Linguistics Society*. Amherst, USA: GLSA, 2016.
- MODESTO, Marcello. Topic prominence and null subjects. In Biberauer, Teresa. (ed.) *The limits of syntactic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
- MODESTO, Marcello. *On the identification of null arguments*. Tese de Doutorado. University of Southern California, 2000.

MOREIRA DA SILVA, Samuel. *Études sur la symétrie et l'asymétrie" sujet/objet" dans le portugais du Brésil*. Tese de Doutorado. Univ. de Paris VIII, 1983.

NUNES, Jairo. Inherent case as a licensing condition for A-movement: The case of hyper-raising constructions in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 7, n. 2, 2008.

PILATI, Eloisa; NAVES, Rozana; NAVES, R. Desenvolvendo a hipótese da cisão da categoria pronominal no português brasileiro. In: MOURA, Denilda; SIBALDO, Marcelo. *Estudos e Pesquisas em Teoria da Gramática*. Maceió: EdUFAL, 2013.

REINHART, Tanya; REULAND, Eric. Reflexivity. *Linguistic inquiry*, v. 24, n. 4, 1993.

RIZZI, Luigi. Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic inquiry*, v. 17, n. 3, 1986.

RODRIGUES, Cilene. *Impoverished morphology and A-movement out of Case domains*. Tese de Doutorado, 2004.

SILVA, Maria Cristina Figueiredo. *A posição sujeito em português brasileiro: em frases finitas e infinitivas*. Campinas: Centro de Memória Unicamp, 1996.

SHEEHAN, Michelle. Subjects, null subjects and expletives in Romance. In FISCHER, Susann; GABRIEL, Christophe (eds.). *Manuals of Romance Linguistics (MRL): Grammatical Interfaces*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2016.

ZIMMERMANN, Malte. Overt existential closure in Bura (Central Chadic). *Semantics and Linguistic Theory*, 2007.

Recebido em 20 de dezembro de 2017.

Aceito para publicação em 20 de março de 2018.